



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 5 de Novembro de 1988 * Ano XLV — N.º 1165 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

23 DE OUTUBRO

● Vinte e três de Outubro. É domingo. A Igreja foi beber ao Salmo 104 o introito da Missa: «Alegre-se o coração dos que procuram o Senhor. Procurai Deus e o Seu poder. Procurai sempre a Sua face»; e depois, canta «as maravilhas que o Senhor fez para conosco».

É significativa a insistência do Salmista no verbo procurar — procurar Deus, o Seu poder, a Sua face. E o efeito de tal procura para quem a faz, é a alegria de coração; e o desencadear das maravilhas do Senhor em favor dos homens. O poder e a misericórdia de Deus são infinitos e sempre prontos a pôr em acto. Mas quem abre o seio divino e os faz jorrar é a Fé do homem. A Fé que faz dele um procurador incansável de Deus. E Deus fá-lo Seu procurador junto dos homens — ministro do Seu poder e da Sua misericórdia.

Eis-nos com Pai Américo no dia do seu aniversário. Ele foi esse homem — um homem de Fé que gastou a sua vida a procurar Deus. Primeiro, na busca do seu caminho. Depois, na realização da caminhada. Por isso, foi um homem de coração alegre e irradiante de felicidade para muitos. Por isso, tão poderoso no ministrar das maravilhas de Deus para com os homens. Porque incessantemente procurou... E «quem procura, acha».

Em contraste com a movimentação de há um ano, hoje é um dia sereno, um dia bom para interiorizar as causas que o tornaram «luz do mundo e sal da Terra», conforme o mandamento do Senhor aos Seus discípulos: «Vós sois...»; e fizeram dele um obreiro tão fecundo do Evangelho.

«Os padres da rua só podem crescer e caminhar na medida em que se convencem das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as preguem ao mundo. Doutra maneira seria desperdiçar.» Foi assim que ele fez e não desperdiçou.

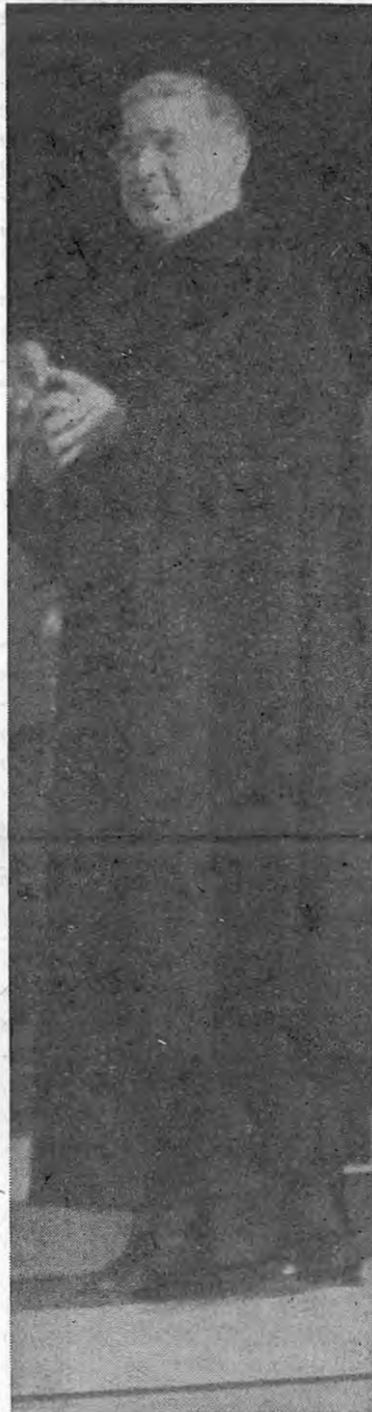
● Ao recordar, hoje, os trabalhos e alegrias da celebração dos cem anos de vida

de Pai Américo, não queremos deixar esquecidos dois centenários deste ano, um já ocorrido, outro a celebrar no mês corrente. Dois Bispos, dois preciosos Amigos.

O Senhor Arcebispo de Cízico não julgou desperdício do seu tempo o que, por várias vezes, gastou com os nossos Rapazes na sua preparação da Páscoa. Ele era um catequista nato. Vinha para o meio de nós, partilhava durante dias a nossa vida e, três ou quatro vezes em cada um deles, falava aos Rapazes da Salvação que Jesus veio realizar e deixou ao alcance de todo o homem que vem a este mundo. Toda a comunidade se juntava na Capela, desde os «Batatinhas» aos mais velhos, senhoras e padres — todos. E com um excepcional poder de, ao mesmo tempo, interessar assembleia tão diversa, a todos nos prendia da sua palavra simples, leve e profunda. Parecia-nos renascer ali o espírito das primitivas comunidades de cristãos, como nos narram os Actos dos Apóstolos. Era uma alegria!

Sempre que foi o Senhor Arcebispo o nosso pregador quaresmal, não era por dever que a Capela se enchia. Espe-

Cont. na 3.ª página



TRIBUNA DE COIMBRA

■ «O «Rolhas» foi outra vez embora. Roubou dinheiro à Maria e já não foi à aula e não veio almoçar.» Foi a notícia triste que me deram ao entrar no nosso Lar de Coimbra.

Eu não sabia quem era o «Rolhas». Fiquei a saber e achei graça à alcunha que os rapazes lhe puseram.

Vou contar um pouco da vida deste adolescente, com doze anos — como ele me contou — e das poucas horas que com ele tenho convívio, para que ninguém atire pedras e todos procuremos encontrar soluções capazes de ajudar a caminhar estes pobres por caminhos dignos de seres humanos.

Nasceu em Lisboa e foi criado num dos bairros da capital, onde a miséria é a grande mestra de educação. Filho de pais não casados, vendedores de jornais. De pequenino, começou a ficar sozinho na barraca. «Ia roubar, a casa dos vizinhos, o comer para comer. Então havia de morrer à fome?»

Com a separação dos pais, e a mãe junta com outro homem, veio com o pai para a aldeia donde este era natural. Aqui continuou com sua vida de fugitivo e ladrão. Tantas coisas que ele me contou! Coisas «maravilhosas».

Os vizinhos começaram a ficar alarmados. Os Serviços Sociais a estudar e a procurar soluções. Os professores refor-

çavam de carinho. O pároco procurava o diálogo. A guarda estava de vigilância. O Tribunal tinha muitas queixas. A Casa do Gaiato chegavam recados para que o recebêssemos.

Um dia, apareceu uma patrulha da Guarda com o pequeno. Vinham de longe. Tinham-no encontrado na estação. Contou aos guardas algumas das suas «aventuras». Recebemo-lo. No dia seguinte foi com um grupo para a praia. As partidas que por lá fez! As noites onde ele por lá dormiu!

Nestes três meses podem contar-se pelos dedos os dias que estive conosco. Sempre a monte. Sempre à aventura. Sempre com sorriso e com tristeza.

Na última venda de O GAIA-TO desapareceu a saca do Ricardo com trezentos jornais. Eram para a venda, em Leiria. No dia seguinte, os dois vendedores da Figueira da Foz encontraram o «Rolhas», com a saca, a vender os jornais. Tiraram-lha e trouxeram-na, com os jornais, para Casa. O Jaime estava feliz quando ma entregou. O «Rolhas» tinha entrado

Cont. na 4.ª página

ÁFRICA

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

Foi em 2 de Novembro de 1963. O «Rita Maria» deixou a barra do Tejo, rumo a Angola. A bordo, entre o pequeno número de passageiros e carga, levava dois grupos de gaiatos. O mais pequeno tinha 7 anos.

O sonho de Pai Américo, anunciado e escrito alguns anos antes da sua morte, tornava-se realidade. A África entrou na sua história, como havia de fazer parte da história da Obra da Rua. Ali ama-

tureceu a sua vocação. Ali apanhou a «martelada» de Deus que lhe fez ver claro o seu caminho.

Chegou a hora do arranque decisivo. A África precisava. A guerra ia semeando miséria. A Obra da Rua enviava os seus mensageiros da Paz e do Bem. Não levava outra ambição, a não ser a resposta verdadeiramente eficaz ao desafio lançado por um povo que ansiava por Justiça e Amor.

Nasceram duas Aldeias: uma

em Malanje, outra em Benguela. A demonstrar a necessidade premente desta presença foi o acolhimento alegre e colaborante das populações, mais a pressa com que iam sendo ocupadas, à medida da sua construção.

Passaram 25 anos. Felizes os pés que anunciam a Paz e o Bem. Com esta mensagem no coração partimos e ali vivemos, enquanto foi possível.

Cont. na 4.ª página

OUTRO AVISO

«PEDITÓRIOS» — Mais uma vez alertamos os nossos Amigos, especialmente da região de Lisboa, que há legiões de mulheres, espalhadas pela cidade, pedindo para a Obra da Rua, chegando ao despalante de exigir determinadas verbas, em troca de pagelas, flores ou outros objectos. Pedimos que denunciem a fraude, ultimamente muito em voga na zona das Amoreiras.

Padre Luiz

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

UM PEDIDO — O aparelho que media a tensão arterial dos doentes, já não tem reparação! Serviu durante muitos anos. Entre os milhares de leitores d'O GAIATO quem terá um, inactivo, que seja útil à nossa comunidade? Pela oferta que surgir, desde já a nossa gratidão.

AGRO-PECUARIA — Depois da vindima, os rapazes do campo não têm mãos a medir com a silagem. Alimento para o gado que nos dá o leite, indispensável à nossa alimentação.

Esperamos que o trabalho corra tão bem como o da vindima.

FOTOCOMPOSIÇÃO — O Paulo, da nossa Casa de Setúbal, está em nossa oficina gráfica, num estágio de fotocomposição. Levará, daqui, os conhecimentos indispensáveis para se instalar essa tecnologia nas oficinas do nosso Lar, na bela cidade do rio Sado.

CATEQUESE — Começou o ano catequético. Agora, os nossos rapazes aprendem a doutrina de Cristo, segundo os esquemas da Igreja. Que seja um ano proveitoso.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — Nesta época é costume proceder-se a mudanças de trabalho. Os que têm mais de 16 anos podem escolher a sua oficina preferida. Para a tipografia foram mais quatro: «Conchinha», Correia, Ricardito e «Pica-Pau». Decerto, irão gostar da arte de Gutenberg.

Lourenço

Lar de Coimbra

O Lar está cheio. Trinta e dois estudantes: Doze no 1.º ano; sete, no 2.º do Ciclo Preparatório; três, no 7.º; dois, no 8.º; quatro, no 9.º unificado; um, no 10.º, área C; outro, também no 10.º, área D. Mais um no 3.º curso, no 12.º ano. Dois no Instituto Superior de Contabilidade e Administração, de Coimbra.

O Nelson continua no Colégio Diocesano S.to Teotónio. Os outros vinte e nove, na Cooperativa de Ensino de Coimbra, que sempre nos recebeu com amabilidade. O nosso bem haja.

De facto, as esperanças de um bom aproveitamento são prometedoras. Mas a perseverança, o bom ambiente de estudo e o apoio forte são fundamentais para o aproveitamento de todos eles. No ano transacto, apenas um entre vinte e cinco, não passou ao 2.º ano do Ciclo.

O Zé Luís é o chefe e o Pedro, sub-chefe. O primeiro frequenta o I.S.C.A.C., mas fica nos fins-de-semana de venda do jornal, enquanto o segundo, que está no 12.º ano, terá de suprir o Zé Luís durante a sua ausência, nas aulas.

A senhora, com a força do amor e suas potencialidades, continua a

sua longa tarefa de Mãe, doada sem cessar a esta família.
Que Deus nos ajude!

Guido

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A mãe sofre de doença incurável e a filha, na casa dos vinte anos, aposta servi-la até ao fim. «Quem deve olhar por ela...!» — acentua.

O irmão, solteiro, trabalha longe e manda o que pode. No entanto, por nossas mãos, os leitores suprem, generosamente.

A rapariga, com ar triste, desabafa: «A minha irmã deixou o homem... e quatro filhos à abandono! Anda por lá...! Só pudemos tomar conta do menino...», que a moradia é pequenina. Omitimos o resto, por discreção.

Agora, a moça precisa de reforço para manter o sobrinho, vítima da tragédia, já que o pai, também longe, bebe uns copitos... para esquecer — e arrumou com os filhos. Casos difíceis!

Aliás, na alta roda, com estrelas à mistura, e medidas as distâncias, há casos idênticos que, doentamente, servem de cartaz a multidões! Triste sina do tempo, cuja inversão de valores faz correr mais tinta do que o Bem — alicerce do Mundo!

● Surpreende-nos um recado, expresso em letra tremida: «Venho, por este meio, pedir... me esclareça como hei-de conseguir o subsídio (de grande invalidez) para mim, que tenho 83 anos, e para minha mulher com 87, uma das mais velhas da freguesia. Agradeço que me explique para ver se consigo...»

Ele foi um artista com serra, serrote, garlopa, martelo e tudo o mais. Ao longo da vida serviu muita gente com perfeição. Agora, mais não tem que duas míseras pensões (a dele e a da mulher). No entanto, a vizinhança bota a mão no que pode; há quem lhes sirva o cafezinho com leite, quente, logo de manhã. Uma riqueza!

Por experiência, sabemos que benefícios desta ordem estão submetidos a uma séria clivagem. Como são bem precisas — neste sector — as assistentes sociais! A propósito, lembramos uma delas que dispensava o automóvel e seguia de comboio (ou camioneta) para a residência do beneficiário. Depois (testemunhamos), percorria, ainda, cerca de dez quilómetros a pé, ida e volta. Não era uma tolice. Identificava-se com os Pobres! Então, batia à porta. Pedia licença. Conversava, familiarmente. Tomava notas. Reflectia. Por fim, analisava o caso mais de acordo com o espírito do que a letra da lei (ou regulamentação). Recoveira dos Pobres! Um testemunho de amor aos Outros cimentado na Fé que abraça o seu coração de mãe. Curiosamente, mesmo distante, no sul do País, temos aí uma porta aberta: «Quando precisarem..., farei

tudo o que for possível». Benditos os Pobres que passam pela sua mão!

PARTILHA — Assinante 11655, do Porto, deixa dois contos «para ajudar uma mãe necessitada. Sei que é pouco — acrescenta — mas um bocadinho de todos os lados torna-se muito». Exactamente!

Barcelos: oito contos da assinante 16415, «oferta minha pelo muito que fui amparada». Retribuição! A assinante 31104 adverte: «Um pouco atrasada — mas não me esqueci. Remeto um cheque à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para os destinatários habituais. Continuem a rezar por mim. É consolador saber que alguém não se esquece de o fazer». O valor da Oração!

Mais presenças, de sempre: «Uma assinante de Paço de Arcos» com a

partilha de Outubro. «Manel de Braga» envia quatro contos e lembra uma filha, muito nova, que Deus levou. Assinante 27063 «pede uma oração pelas suas melhoras». Corações ao Alto! Aquela tripeira, que aparece várias vezes, com discreção, entrega dois contos e registamos a intenção. De Vilarés (Vila Franca das Naves), a assinante 23484 diz que fica «passada com tanta miséria e Deus ajude para poderem ajudar». Temos, ainda, «Avó de Sintra» com quatro contos para «a Família do Costume» e votos de «Paz, saúde e alegria de viver para avaliarmos as belezas que Deus nos dá e que tantos desprezam e estragam». Mais três contos, «seguindo a metodologia habitual», do assinante 32986, do Porto, para «alguns idosos carenciados». Cheque do Fundão: «Mensalidade de Outubro». Assinante 19177: «Com a minha participação

e das minhas amigas — para os vossos Pobres», 1.000\$00. Um vale postal, de Algueirão, «que se destina à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, modesta contribuição de Setembro e Outubro, para quem melhor entenderem; mas tenho sempre lembrado uma senhora idosa e doente. Contudo, não quero de maneira nenhuma intervir na vossa vontade». Delicadeza cristã!

Mais uma remessa do assinante 1410. Oportuna! Outra, da assinante 30525, «para minorarem a sorte dos Pobres, se puder ser uma viúva». Convém lembrá-las sempre! Mil escudos do assinante 26302. Uma rica dádiva da assinante 44492. Outra, da assinante 49647.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Julio Mendes

Notas da Quinzena

■ Nas minhas voltas por ali, entrava sempre no casebre onde viviam ele e ela. Os filhos foram-se e os pais ficaram. Recebido com o sorriso nos lábios, cedo dei conta do monumento à fidelidade conjugal que tinha diante de mim. Num canto da sala, com o soalho esburacado, a cama e o marido doente, canceroso. Noutro, o fogareiro a petróleo para fazer a comida dos pobres. A porta, como quem espera alguém a quem muito se ama, aquela mulher de lenço na cabeça. Sempre a sorrir.

Sentia-me pequenino, admirado e confundido.

— Ainda tem coragem?! Perguntei-lhe a ver se descobria o segredo duma graça tamanha.

— Que quer?! Tomei o compromisso, ao pé do altar, de levar esta cruz — apontava para o lado do marido estendido na cama — e quero levá-la até ao fim... Não faço mais que o meu dever.

Estudei teologia. Li alguns livros sobre o Sacramento do Matrimónio. Em nenhum aprendi a falar da unidade e indissolubilidade do Casamento, como esta mulher analfabeta me ensinou. Que lição! E sempre de sorriso nos lábios, serenidade no coração e muita Fé na sua vida. Feliz povo!

Noutro dia, recebi a notícia de mais um lar desfeito. O pai vinha só com o filho, ainda pequenino. Não sorria, como de costume. A criança não era a mesma. Depois, será ainda mais diferente. Que desgraça, meu Deus! Disseste que o homem não separasse o que Tu uniste para ser família...

Recebemos filhos de lares desfeitos e outros que nunca sentiram o calor do bafio quente, acolhedor, do pai e da mãe.

Só conhecem o frio da rua. Sentimos com eles a violência das suas histórias esfarrapadas. São muitos. Sim, são muitos.

Há, porém, a multidão de vítimas inocentes que, embora não fiquem na rua, fazem uma experiência semelhante de abandono, em casas doiradas, bem alcatifadas, bem aconchegadas de coisas. Falta-lhes, porém, o único necessário: um lar estável e unido. Os réus e o crime que as lançou na desgraça ficam à solta, ao abrigo da lei elaborada nas altas instâncias da governação. Muitas vezes assim acontece. É o caso da Lei do divórcio, por exemplo.

A Mãe Igreja, porque é Mãe e tem muito amor aos seus filhos, defende a família com todas as forças. «Não separe o homem o que Deus uniu.» Por força do compromisso assumido, aquela mulher permanece fiel e, na fidelidade ao seu lar, vive de sorriso nos lábios, o seu dia-a-dia.

■ A quem hei-de comparar a mãe que fala assim?: «Olhe, meu Padre, mando-lhe este cheque... Quanto gostaria de mandar mais e mais, até tudo quanto tenho e seguir, para aí, ajudar no que pudesse. Mas também tenho o meu Calvário: a minha filhinha de 24 anos, que não fala e não anda. Só tenho que ter quem me ajude pois é o meu Cristo Vivo, mas tenho com que a possa tratar e requintar. Quando leio o vosso jornal fico tão grata a Deus por me ter dado uma filha para me purificar e de-me com que a requintar. Desculpe, Padre, o meu lamento de mãe, mas eu sei que não devia lamentar-me. A alma é grande, mas o corpo é fraco e,

por isso, lá vai uma lamentação. Desculpe-me e reze por mim e por ela principalmente».

Mais uma lição de alta Sabedoria. É colhida na Fé. Tenho pena dos que não acreditam, só porque vivem privados dum grande Dom. Por eles, também, estes testemunhos, ao vivo, nesta coluna. Quem sabe?

É duma beleza tão delicada o gesto e a palavra desta mulher que dá para meditar. Vai até onde a ciência não chega. Vê o que os olhos não enxergam. Está na Verdade que a inteligência busca e não alcança por si mesma. Põe sentido na vida onde o desespero espreita. Tem paz e comunica-a. Está unida ao seu íntimo quando o ambiente é de ruptura.

O segredo é a Fé metida no natural. Daqui emerge o humano. Ao divino é um passo em frente: «...Pois é o meu Cristo Vivo, mas tenho que dar graças a Deus que me deu uma filha para me purificar...» Entramos no sublime, sem deixarmos a terra dura. Sim, é a Fé que provoca o clarão para ver, falar e viver assim. Rica filha que mereces tal mãe!

Esta página é um hino à unidade familiar. Se não houvesse o lar que aconteceria? Aonde a felicidade desta filha e desta mãe numa família desfeita? Canta, Mãe Igreja, quando dizes: «Não separe o homem o que Deus uniu».

■ Vieram da Régua quase à hora da nossa Missa dominical, em dia de aniversário natalício de Pai Américo. Era a família completa: esposa, marido e filho ainda pequenino. Foi a mulher que falou e



SETÚBAL

Continua a crescer o número de casais que se nos dirigem em busca duma criança para adoptar. Casais sem filhos que desejariam realizar a sua paternidade fisicamente frustrada por incapacidades orgânicas, mas intensamente viva em ânsias psicológicas e afectivas. Uma criança ou duas seriam para eles a maior sorte.

Casais que já criaram os seus, mas dado o espectáculo público de tanta criança maltratada, física e socialmente — a pedir nas ruas, de porta em porta, nas paragens dos carros e autocarros, nas estações do metro ou caminhos de ferro, sem escola, sem higiene, sem paternidade de ninguém, na descida íngreme do crime e da marginalidade — se dispõem, por se sentirem ainda com idade e mocidade afectiva, a acolher uma ou duas na sua família, como membros de pleno direito.

No entanto, por mais repe-

tida que tenha sido a denúncia, a situação mantém-se: um cão vadio tem cobertura legal. Uma criança vadia só possui a cobertura que os seus progenitores lhe quiserem dar ou, então, toda a hipotética cobertura é simplesmente teórica — o mesmo que dizer inútil. Por isso, encontramos mais crianças vadias que cães vadios.

No nosso País, a criança abandonada não tem quaisquer direitos se ninguém lho defender. Se tem pais, tutores ou padrinhos, estes poderão defender os direitos consagrados. Se não, quando muito, terá direito à vida, se for nascida, pois se alguém matar uma criança os organismos oficiais movimentam-se para descobrir e castigar o agressor. Mas uma criança pode ser abandonada, mutilada, física, psicológica ou socialmente, que a ninguém é imputada responsabilidade, nem ninguém é obrigado por lei a mexer-se.

Se uma mãe ou um pai, ou

ambos marginais, condenarem por imaturação ou má consciência os filhos à marginalidade, ninguém é obrigado por lei a defendê-los. E eles não se defendem, antes pelo contrário: ligados por fortíssimas forças naturais aos progenitores, são presa fácil de toda a corrupção. Qualquer indivíduo sem escrúpulos é capaz de aliciar um abandonado, basta satisfazer-lhe todas as vontades e caprichos e deixá-lo à vontade sem qualquer contradição. A nossa vida está cheia de casos iluminantes.

João Manuel tem dez anos. O seu progenitor, servicial público, gerou de duas mulheres, duas camadas de filhos sem qualquer sentido de responsabilidade. Não quer saber de nenhum. Algumas filhas são já empregadas de boites ou vagueiam na prostituição. O pequeno foi apanhado por um homem, carregador no mercado e na lota, que fez dos seus filhos — como ele diz — «uns desgraçados». Vive numa barraca imunda com cães, galinhas e o seu protegido. Faz ao pequeno todas as vontades, aliciando-o de tal forma que a criança se sente totalmente seduzida.

Uma família afastada doeu-se do parente e pôs-nos o problema. Veio. Não se aguentou mais que dois dias, de cada vez. Tem fugido sempre. Iremos experimentar uma das nossas Casas do Gaiato, do Centro ou do Norte. Vejo que será difícil a recuperação.

Se um serviço competente, um serviço de rua, tivesse

apanhado este menino, os seus irmãos e irmãs, quantas fontes de miséria teríamos estancado!?... Quantas famílias infelizes gozariam a fecunda glória de terem feito homens e mulheres de indivíduos condenados!?...

Se as leis de adopção em vez de defenderem os direitos dos progenitores, defendessem antes os direitos das crianças?...

Se os magistrados em vez de se preocuparem com a sua carreira, as suas classificações e promoções, olhassem para o direito original e, eles próprios, em nome da Justiça ordenassem o acelerar dos processos, a audição rápida das testemunhas e a definição clara das sentenças?!

Ai!, que se as crianças fossem olhadas como tais — e os seus direitos reconhecidos — a miséria levaria um grande corte. Assim, não. Seremos «uns derrotados»!

Padre Acílio

Novos Assinantes de «O GAIATO»

As notícias dos leitores são fogo! Ai de quem cair nas mãos destes apaixonados! Por isso, avançamos para os cinquenta mil, meta que Pai Américo desejava atingir, naquele tempo, cujo sonho — que Deus assoprou — concretiza na Eternidade.

A procissão inclui alguns que sofreram um abanão pelo O GAIATO e se confessam (até agora) instalados. Outra nota saliente, a revolução pacífica do pequenino mensageiro no seio das próprias famílias: «Remetam O GAIATO para a minha irmã, emigrante na Bélgica» — citamos a assinante 49942 — e bem haja por todo o Bem que semeia. A leitura tonifica as almas. Muitas vezes faz-nos sentir míseros e pequeninos ao pé de tão grandes e graves problemas». A assinante 45108 quer o jornal para a filha como «pêndola de aniversário». Valadares: «Peço O GAIATO para uma prima que deseja ser assinante». Muito bem! O sim, expresso naquele desejo, é fundamental. Os tios também se movimentam! Da Quarteira, a assinante 36058 solicita a inscrição «duma sobrinha». Esta mãe diz, à sua maneira, que O GAIATO é parte integrante do seu lar: «Através do Famoso e de Pai Américo tornei-me amiga da Obra da Rua. Muitas vezes penso escrever... Quantas cartas delineei para o Pai Américo! Era, então, jovem. Casei e trouxe o jornal para minha casa, lido e relido pelo meu falecido marido e ambos nos sentíamos purificados com a sua leitura. Fiquei com o trabalho de criar seis filhos, dos seis aos dezoito anos. Como devem calcular, O GAIATO tem servido de Bíblia para me ajudar a criar os filhos. Quantos ensinamentos me dá o vos-

so jornal! Entretanto, minha mãe faleceu. Não queria que se perdesse a assinatura. Falei com um dos meus filhos. Junto o seu nome e morada...»

Água Longa (Santo Tirso): nove assinantes, de mãos dadas ao Pároco — que os motivou. Um Amigo, de Valença, otimiza a acção: os novos leitores recebem os livros de Pai Américo! Sublinhamos a presença de mais uma dúzia de

eborenses. Assim: «Duas crianças que frequentam a Escola Primária encontram-se em situação difícil. Alguém, da Casa do Gaiato de Setúbal, vem a Évora; a professora tenta explicar e pede que sejam admitidas na vossa Obra. «Vai ser difícil. Há tantos a pedir e tão poucos a dar...» Numa ultreia, a professora põe-nos ao corrente da sua preocupação. Aquelas palavras tocam-nos... As crianças já estão em Setúbal e aqui vai (para o Padre Acílio) a nossa pequena colaboração, bem como o nome e morada de alguns novos assinantes do O GAIATO».

Por fim, registamos os que seguem isolados. Coimbra: «Sempre que encontro um gaiato, costume ficar com o jornal. Mas, há semanas que não vou à Baixa e, como gosto de o ler, mandem-no pelo correio». Um casal, de Amadora: «Depois de termos lido O GAIATO, ocasionalmente, quando da nossa estadia em férias, mostrámo-nos interessados e pedimos a nossa inscrição». Peniche: «Junto um cheque para receber o Famoso. Quando jovem, era um jornal muito querido. Depois... Agora, sou novamente assinante com muita alegria». Porto: «Quero O GAIATO. Sou do Porto. Gosto muito de ler o vosso quinzenário».

São alguns pendões desfraldados ao vento, que os restantes peregrinos — tanta gente! — seguem caladinhos, mas não tardam a falar!

Júlio Mendes

Livros de Pai Américo

Pão dos Pobres (três volumes; o 2.º, esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (dois volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (três volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

«A sementeira é feita nas almas. São almas as que semeiam nas almas. Palavras leva-as o vento! O semeador é um gigante a correr e a sentir. Não importa a colheita; a sementeira é que é. Jesus Nazareno semeou a Vida e colheu a Morte — e que Morte! Ele é aquele Homem que saiu a semear. Ele ensinou. Quem não semeia com Ele, desperdiça.»

* * *

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista

23 DE OUTUBRO

Cont. da 1.ª página

rava-se ansiosamente a hora dela e o encanto era geral.

Quem me dera uma fagulha, só que fosse, deste fogo divino que tão sabiamente ele acendia e nos congregava «num só coração, numa só alma»!

O Senhor Cardeal Cerejeira acompanhou Pai Américo nos seus primeiros passos para o sacerdócio, no Seminário de Coimbra. Foi seu confessor. Por isso, sempre se escusou a contar-nos lembranças desse tempo, receoso do conhecimento delas provir da celebração do Sacramento.

Desta relação íntima nasceu uma amizade e um hábito de conselho de que Pai Américo nunca prescindiu. Os grandes momentos da sua vida de padre da rua sempre os partilhou

disse ao que vinham: Trazer os dons recolhidos na cidade onde vivem, mais o ordenado do mês, por inteiro. Recolhi este gesto de amor familiar na presença dos três. Pai Américo ao dizer que «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão», rejubilou com este presente de aniversário.

Padre Manuel António

com o Senhor Cardeal; e foi depois da sua aprovação que se lançou em várias «ousadias».

A partir do Dia do Sagrado Coração de Jesus, em 1947, com a entrega da Quinta da Mitra, no Tojal, para Casa do Gaiato de Lisboa, as relações de Pai Américo com o Senhor Patriarca tornaram-se ainda mais profundas e frequentes. E apesar da escassez de clero, um dos problemas que sempre mais encareceu entre todos os da sua diocese, foi com o sim do Senhor Cardeal Cerejeira que três dos seus padres vieram servir a Igreja na Obra da Rua.

Das atenções e carinho que para connosco teve, à morte de Pai Américo e depois e sempre... — que Deus lhas tenha retribuído com a largueza que Lhe é própria.

Figura maior da Igreja neste século, penso que muitas vozes não-de recordar o Senhor Cardeal Cerejeira no seu centenário, com a admiração e saudade que são justas.

Da nossa parte, este pequeno testemunho de Alguém que nos amou e a quem amamos. Por isso nos doem tanto os salpicos injustos e sem pureza de intenção com que, às vezes, se pretende ofender a sua memória.

Padre Carlos

Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

AQUI LISBOA!

«A nódoa mais suja que estes Rapazes trazem, e aquela que mais custa a lavar, é a mentira. Mentira-profissão. Mentira-arma. Mentira sempre e para tudo.» (Pai Américo)

Costumamos dizer aos Rapazes que são todos muito simpáticos, naturalmente cada um à sua maneira. Somos sinceros ao afirmá-lo. Simplesmente, e ninguém estranhará isso, cada caso tem a sua leitura, por específico que é. Não há duas pessoas iguais, mesmo numa família de sangue, ainda que gémeas, quanto mais numa Casa do Gaiato!

As palavras acima transcritas foram pronunciadas quando Pai Américo tinha ainda dezena e meia de anos de actividade como Recoveiro dos Pobres. Disse ele, na altura: «Há 17 anos que lido com gente de má nota e bem pudera ter-me afeito à mentira, mas não. Cada caso é uma experiência dolorosa». Vamos com mais de 30 anos de serviço, fora o tempo de vida vicentina, e não conseguimos insensibilidade ante a mentira. Graças a Deus, porque no dia em que isso sucedesse, consideraríamos como finda a nossa missão.

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª página

em nossa Casa e tinha feito mais uma das suas «aventuras». Que bom se fosse a última!

■ Ora vamos parar e meditar, um pouco, na vida de tantos «rolhas» na nossa sociedade. A solução é bem comum. O bem é de todos e é procura de todos. Que havemos nós de esperar no futuro destas vidas?

Tantas vezes peço a Deus que estas crianças, adolescentes e jovens, aterrem as suas vidas na vida da nossa família! As «aventuras» das suas vidas são, geralmente, fruto de pais ajuntados, bairros de miséria, abandono em criança, roubar para matar a fome, o pai ou a mãe com outra ou outro que não são os seus.

As Casas do Gaiato não são solução para todas as vidas em perigo. São santuários e não fábricas. Estes «rolhas» têm necessidade de um outro acompanhamento. Acompanhamento de mais vigilância. São necessárias casas próprias, com espírito próprio. Estamos a caminhar para um futuro de «gente perigosa». Todos nós queixamos da vida de muitos dos nossos jovens, mas continuamos instalados nas nossas vidas de consumo. Ou nos levantamos já, ou poderemos não chegar a tempo.

Padre Horácio

Um dos grandes exemplos que Pai Américo nos deixou foi o seu amor à Verdade. Nem admira, porque autêntico Apóstolo de Cristo, Aquele que declarou ser o «Caminho, a Verdade e a Vida». Apostamos, pois, num plano, sem tréguas: de combate ao farisaísmo e à hipocrisia, procurando abraçar em todos os momentos e circunstâncias, mesmo que com sacrifício e risco de ser menos simpático, o trilha exigente da Verdade. Trata-se dum mero problema de coerência, aliás.

É pela mentira que vêm os grandes males do mundo. Diz ainda Pai Américo: «Se é verdade que a vida da maioria dos homens se lhes apresenta complicada, é a mentira que assim o causa — primeiramente começam por mentir a si mesmos, depois pensam, falam e escrevem mentira. Mentira nos Algarismos, mentira nas obras, mentira nos juramentos: mente que alguma coisa fica! Ai!, quão grandes não são as trevas do espírito, quando a vida dos homens é feita de mentira».

As Casas do Gaiato são uma tentativa de resposta, ainda que ténue nos seus resultados, à mentira do mundo. Mentira individual, mentira familiar, e mentira social. Mentira dos chamados grandes e, por arastamento, dos considerados pequenos. Se a Verdade fosse respeitada nas suas várias componentes, não seriam precisas.

A mentira temos de responder com a antítese da Verdade. Aos antivalores temos de contrapor a Verdade, com as exigências que comporta. Por tal, para educar, ajudando cada Rapaz a ser Homem e a encontrar a sua própria consciência, não podemos seguir outra metodologia, ainda que difícil e plena de sacrifícios. Quem escolheu esta missão sabe bem que é assim, suposta, por isso mesmo, muita paciência, toda a compreensão e a maior capacidade de perdão,

ÁFRICA

Vinte e cinco anos depois

Cont. da 1.ª página

Ficaram os frutos. A Obra da Rua não morreu em Angola e Moçambique. As suas estruturas materiais foram tomadas para outros fins. A mensagem ficou, à espera da hora nova do regresso. É tanto ou mais necessária agora, como o foi.

Com que alegria recebemos, em Portugal, os filhos casados e solteiros gerados pela Obra da Rua, em África, quando podem visitar-nos!

Eram dez horas da noite. Ouvi uma voz que chamava pelo meu nome. Não contava e, daí, a surpresa. Um pai e

se for caso disso, que não conformismo ou apatia.

A maioria dos nossos Rapazes chegaram-nos da mentira e, por isso, nada de estranhar a dificuldade de ganhar a batalha da Verdade. O texto que encabeça este arrazoado é suficientemente explícito.

Há dias, dois dos nossos, actualmente na vida militar, portanto na área dos 20 anos, esquivaram-se dos seus afazeres, procurando enganar-nos como noutras vezes. Chamados à pedra, um deles disse-nos, após lhe ter verberado a mentira: «O sr. padre não sabe que já era mentiroso em pequeno?»; o segundo foi mais longe: «Eu estou cá obrigado e o sr. é que está porque quer». Este, aliás, confrontado, pelo menos por três vezes, com situações que só uma Instituição como a nossa suportaria, pediu-nos firmemente que o não mandássemos embora, ele que não tem pais, por os haver perdido em pequeno, e não possuir família capaz de o receber.

«Não é de dizer a ninguém a via dolorosa que tem de calcar todo aquele que decididamente procura associar-se à Miséria dos Irmãos em Cristo. Tem necessariamente de sofrer quem no mundo se propuser fazer o Bem, bem feito. Ganham-se vitórias, sim; todas as vitórias. Não pela força, mas pela fraqueza» (Pai Américo). «Nós não podemos salvar quem se não quer salvar», de facto, mas tudo devemos fazer para que isso seja possível e, graças a Deus, há quem queira aproveitar as oportunidades.

As dificuldades e as incompreensões não nos devem desanimar. As coisas, de certo, não são fáceis, e a batalha da Verdade não tem tréguas. Por isso, partilhando convosco, queremos, ainda com Pai Américo, acrescentar que para os outros sorrirmos, temos nós de amargar. Louvado seja o Senhor!

Padre Luiz

seus filhos vieram e entraram.

— Por aqui?!

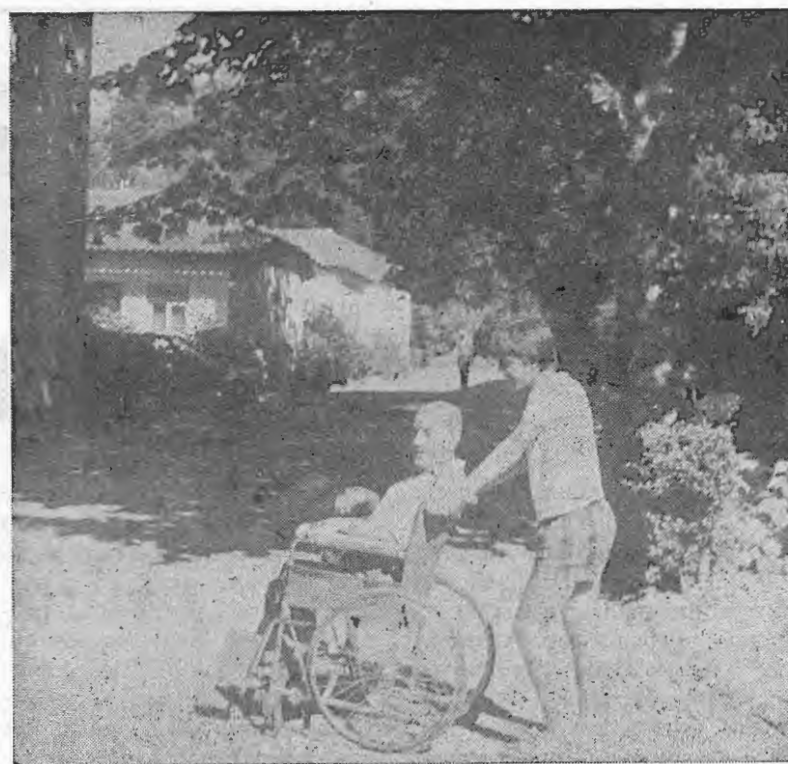
— Não tive tempo de avisar...

Estou na minha Casa...

Nem a cor. Nem a distância. A família nasce do Amor e permanece.

Ao escrever esta nota levo no meu coração as alegrias e as dores do povo sofredor. As suas esperanças, também. A Igreja que está em África deixa este recado: Tome a Obra da Rua em seu regaço maternal e anime as vocações que lhe dêem continuidade.

Padre Manuel António



Quase todos os doentes do Calvário precisam de ajuda para caminhar.

Calvário

« Temos um menino, deficiente profundo, que mastiga tudo o que pode levar à boca. Quando não tem nada, mastiga as próprias mãos. Nada mais natural que, em certos momentos, lhe prendamos as mãos. Quem deixa comer a um filho a sua própria mão? »

Algumas pessoas que nos visitam não compreendem e dizem que é desumano. Tantas pessoas presas nos hospitais... Uns, para cura de fracturas; outros, para que não se agriçam a si e aos outros.

Nós «adoramos» o nosso «Quicas»! Quase todos os dias lhe dou banho. Enquanto o lavo, converso com ele:

— Que dia lindo, Quicas! Se fosses capaz, irias comigo pelos campos floridos e chapinhá-riamos nos ribeiros límpidos.

Ele, nada. Vibra, sim, ao contacto da água com suas carretas características e cómicas.

Há dias, fizemos um colete de pano plastificado. Roeu-o. Revestimos o colchão de impermeável branco. Roeu-o.

Padre Telmo

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Outubro: 70.450 exemplares